

# **A luta**

**Norman Mailer**

TRADUÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS  
Cláudio Weber Abramo

  
JORNALISMO  LITERÁRIO  
COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1975 by Norman Mailer

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

**TÍTULO ORIGINAL**

The fight

**CAPA E PROJETO GRÁFICO**

Flávia Castanheira

**FOTO DE CAPA**

Muhammad Ali e George Foreman / © AP Photo/ Glow Images  
Kinshasa, República Democrática do Congo, outubro de 1974

**PREPARAÇÃO**

Ângelo Stefanovits

**REVISÃO**

Renato Potenza Rodrigues

Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mailer, Norman

A luta / Norman Mailer ; tradução, posfácio e notas Cláudio  
Weber Abramo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: The fight.

ISBN 978-85-359-2009-3

1. Ali, Muhammad, 1942- 2. Boxe — Estados Unidos

3. Foreman, George, 1949- I. Título.

---

11-12527

CDD-796.83

Índice para catálogo sistemático:

1. Histórias de boxe 796.83

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# **SUMÁRIO**

## **PARTE UM – OS MORTOS ESTÃO MORRENDO DE SEDE**

- 1. Indiferença carnal 8**
- 2. O azarado 21**
- 3. O milionário 32**
- 4. Um monte de campeões 44**
- 5. Morto no chão 60**
- 6. Nossa Kissinger negro 70**
- 7. Uma longa viagem 75**
- 8. Elmo no Zaire 87**
- 9. Rei dos asseclas 108**

## **PARTE DOIS – N'GOLO**

- 10. Feiticeiros 126**
- 11. Uma viagem de ônibus 137**
- 12. O vestiário 146**
- 13. Diretos de direita 153**
- 14. O homem na cordoalha 167**
- 15. A canção do carrasco 176**
- 16. Caem as chuvas 187**
- 17. Uma nova arena 195**
- 18. Bagarre à Dakar 201**
- 19. Lucky, o triplo perdedor 211**

Posfácio 212

Notas 217

Sobre o autor 225

## **Parte um**

**OS MORTOS ESTÃO MORRENDO DE SEDE**

# 1. Indiferença carnal

É sempre um choquevê-lo de novo. Não *ao vivo*, como na televisão, mas de pé à nossa frente, em sua melhor forma. É então que O Maior Atleta do Mundo corre o risco de se transformar no nosso homem mais belo, e é inevitável o surgimento do vocabulário Camp. Mulheres suspiram *audivelmente*. Homens baixam o olhar. São lembrados de novo de sua falta de valor. Mesmo se Ali jamais abrisse a boca para fazer tremer as gelatinas da opinião pública, ainda assim provocaria amor e ódio. Pois ele é o Príncipe do Paraíso — é o que diz o silêncio que envolve seu corpo quando ele está luminoso.

No entanto, quando está deprimido, sua pele pálida assume a cor do café com leite aguado, sem creme. O verde doentio de uma manhã depressiva aparece na expansão opaca da carne. Seu aspecto não é bom. Esta pode ser uma descrição razoável da aparência que tinha no campo de treinamento de Deer Lake, Pennsylvania, numa tarde de setembro, sete semanas antes de sua luta com George Foreman em Kinshasa.

Treinava sem empenho. Pior. Deixava-se atingir por golpes idiotas, disparos que normalmente evitaria, e isso não era dele! Observá-lo a treinar era uma arte que se adquiria ao longo dos anos. Outros campeões escolhiam sparrings capazes de imitar o estilo do oponente seguinte e, quando tinham dinheiro para pagar, incluíam também um lutador acomodatício: alguém que pudesse golpear à vontade, alguém com quem se divertir. Ali também fazia isso, mas em ordem inversa. Seu sparring favorito para sua segunda luta com Sonny Liston fora Jimmy Ellis, um artista intrincado, que nada tinha em comum com Sonny. Como boxeadores, Ellis e Liston tinham movimentos tão diferentes que seria impossível a um passar um prato de sopa ao

outro sem derramá-lo. É claro que Ali teve outros sparrings para aquela luta. Shotgun Sheldon vem à mente. Ali deitava-se nas cordas enquanto Sheldon o atingia cem vezes na cintura — com isso, Ali condicionava o estômago e as costelas para aguentar as saraivadas de Liston. Seu dever ficava naquela direção, mas seu prazer estava em exercitar-se com Ellis, como se Ali não tivesse necessidade de estudar o estilo de Sonny, bastando elaborar seus próprios truques e extravagâncias.

Geralmente, os lutadores usam o período de treinamento para fortalecer a confiança em seus próprios reflexos, do mesmo modo que um esquiador médio, após uma semana de exercitação de sua técnica de paralelas, é capaz de começar a imaginar que poderá chegar a ser confundido com um expert. No entanto, com o correr dos anos Ali havia passado a se concentrar menos em aumentar a própria velocidade e mais em como receber socos. Agora, uma parte de sua arte residia em reduzir a força de cada golpe recebido na cabeça e fracioná-la um pouco mais. Todo lutador faz isso e, na verdade, um boxeador jovem não duraria muito tempo se seu pescoço não girasse no instante do golpe, mas era como se Ali estivesse treinando seu sistema nervoso para transmitir choques mais depressa do que outros homens.

Talvez toda doença resulte de uma falha de comunicação entre a mente e o corpo. Isso é certamente verdadeiro de uma doença tão rápida como o nocaute. A mente não consegue mais transmitir uma palavra sequer aos membros. O extremo dessa teoria, exposta por Cus D'Amato quando treinava Floyd Patterson e José Torres, é que um pugilista com desejo autêntico de vencer não pode ser nocauteado se vê o soco aproximar-se, pois então não sofre nenhuma interrupção dramática de comunicação. O soco pode machucar, mas não é capaz de liquidá-lo. Em contraste, uma combinação de cinco golpes em que todos atingem o alvo de certeza despacha qualquer oponente para a inconsciência. Não importa quão fracos sejam os golpes, chega-se a um filão. A sobrecarga súbita do centro de mensagens da vítima tende a produzir a invasão de confusão a que se dá o nome de coma.

Hoje em dia, era como se Ali levasse essa ideia a algum lugar avançado, onde pudesse assimilar socos mais depressa do que outros lutadores, onde pudesse literalmente transmitir o choque através de uma quantidade maior de partes do corpo, ou dirigi-lo para o melhor traçado, como se idealmente estivesse trabalhando em busca da habilidade de receber aquela combinação de cinco (ou seis ou sete!) golpes e ainda assim estar pronto a enviar o impacto para cada braço, cada órgão e cada perna, de modo que o castigo pudesse ser digerido e a mente mantida clara. Observar Ali tomar socos era um aprendizado. Ele se deitava nas cordas e jabeava em direção ao sparring como uma gata que afasta seus gatinhos. E então Ali levantava a sua luva e fazia com que o soco do outro resvalasse nela e se afastasse de sua cabeça, repetindo o movimento sob outros ângulos, como se a segunda metade da arte de ser atingido fosse aprender as trajetórias segundo as quais socos resvalam em luvas e ainda assim atingem o alvo; Ali estudava todo o tempo como amortecer tais choques ou como castigar a luva que o transmitia, sempre elaborando sua compreensão íntima de como neutralizar, enfraquecer, modificar, enganar, encurvar, desviar, distorcer, defletir, inclinar e cancelar as bombas atiradas contra ele, e fazê-lo com um mínimo de movimentos, deitado nas cordas, as mãos erguidas languidamente. Invariavelmente, treinava num cenário que o mostrava fatigado ao extremo, cansado demais para erguer os braços no décimo segundo assalto de uma luta de quinze. Tal treino pode tê-lo salvo de ser nocautteado por Frazier na primeira luta entre os dois, tal treino foi explorado por ele em todas as lutas subsequentes. De seu corner gritavam-lhe “Pare de brincar!”, os jurados descontavam-lhe pontos por deitar nas cordas, os comentaristas escreviam que não parecia mais o velho Ali e, o tempo todo, o que ele fazia era refinrar métodos.

Porém, nesta tarde em Deer Lake, parecia que estava aprendendo muito pouco. Era atingido por socos idiotas, que pareciam pegá-lo de surpresa. Não estava lânguido, mas arrastado. Parecia cheio. Enquanto trabalhava, mostrava todo o ardor

constrangido de um marido que se obriga a transar com a mulher em meio à indiferença carnal.

O primeiro sparring, Larry Holmes, um jovem negro de pele clara com um cartel de nove vitórias e nenhuma derrota, boxeou agressivamente durante três assaltos, atingindo Ali mais vezes do que era atingido por ele, o que, por si só, poderia não ser estranho — às vezes Ali passava todo um assalto sem desferir um só soco —, mas nesta tarde parecia que Ali não sabia como usar Holmes. Ali trazia a expressão aborrecida que Sugar Ray Robinson exibia no fim da carreira quando atingido no nariz, uma careta de desdém pelo ofício, como se pudesse perder a boa aparência caso não tomasse cuidado. A tarde era quente, o ginásio mais quente ainda. Estava cheio de turistas, mais de cem, que tinham pago um dólar para entrar — havia uma apatia de fim de verão em toda a coisa. De vez em quando, Ali tentava castigar Holmes por seu atrevimento, mas Holmes não estava lá para ser instruído a troco de nada. Respondia com toda a gana de um jovem profissional que enxerga o máximo de futuro para si próprio. É claro que Ali poderia ter-lhe dado uma lição, mas boxeava como das profundezas de um clima ruim. Parte da força de Ali no ringue estava na fidelidade a seu estado de espírito. Embora, ao falar para a imprensa, um tom áspero e histérico invadisse a sua voz tão facilmente quanto outras pessoas acendem um cigarro, no ringue ele nunca agia de forma descontrolada, ao menos desde a luta contra Liston em Miami em 1964, quando conquistou o Campeonato de Pesos Pesados. Não, da mesma forma que Marlon Brando parece habitar um papel como se fosse uma extensão natural de seu estado de espírito, assim Ali tratava o boxe. Quando em dias ruins, permanecia em sua letargia, isolado de seu desgosto pelo azedume daquele ofício. Por vezes, treinava toda uma tarde em tal clima. A diferença, hoje, era que estava recebendo socos inesperados — o fim do mundo para Ali. Agastado, punia Holmes passando um braço em torno de sua cabeça. Com os anos, Ali tornara-se um dos melhores agarradores do ringue. Mas isso não queria dizer muito, porque se golpes de caratê fossem introduzidos

no boxe, Ali também seria pioneiro nisso. Seu credo era de que nada no boxe lhe podia ser desconhecido. Agora, no entanto, aquela virtuosidade se reduzia a agarrar-se a Holmes. Quando se separavam, Holmes voltava ao ataque. Perto do fim dos três rounds, Ali começou a ferroá-lo com socos. Holmes picou-o de volta.

O sparring seguinte de Ali, Eddie “Bossman” Jones, um peso meio-pesado, era uma escura versão abreviada de George Foreman. Não parecia chegar a um metro e oitenta, e Ali usou-o como um colega de brincadeiras. Absolutamente confortável com Jones (um lutador reminiscente de outros lutadores que ficavam plantados no chão distribuindo golpes), Ali deitava-se nas cordas e absorvia seus socos quando escolhia e bloqueava-os quando queria. Por tudo o que parecia exigir, Ali poderia ser um inspetor de linha de montagem, aceitando e rejeitando peças. “Esta passa, esta não.” Na medida em que o boxe é carnalidade, carne contra carne, Ali era um mestre na hora de receber, retirava-lhes o sumo, o sumo estético dos socos que bloqueava ou desviava, mais todo o sumo libidinoso de Bossman Jones a disparar contra a sua barriga. Durante todo um round Bossman trabalhou Ali e Ali comungou com si mesmo. No segundo dos três rounds, Ali saiu das cordas durante os dois últimos minutos e, pela primeira vez naquela tarde, passou a disparar socos. Seu repertório de mestre apareceu, jabs com a luva fechada, jabs com o punho aberto, jabs com uma torção da luva para a direita, jabs com uma torção para a esquerda e depois uma sequência de golpes de mão direita oferecidos como jabs, e então uppercuts e ganchos tranqüilos disparados com o corpo ereto, repletos de velocidade, vindos de ambas as mãos. A cada soco sua luva fazia algo diferente, como se a mão e o punho dentro dela também falassem.

A essa altura o treinador de Ali, Bundini, despertou aos gritos lá do canto. “*All night long!*”, berrou contente. Mas Ali não deu nenhum soco forte, limitou-se a atingir Bossman Jones com um sortido, ting, ting, bing, bap, bing, ting, bap!, e a cabeça de Bossman oscilava para trás e para a frente como uma punching

ball. “A noite inteira!” Havia algo de obsceno na cena observada, como se a cabeça do homem estivesse sobre uma roda de oleiro, sendo moldada precisamente na forma de uma punching ball. Embora não tivesse sido atingido com força, Jones (ponto para o teorema de D’Amato) cambaleava ao fim do round. E estava feliz. Havia se comportado direito com o chefe. Ele tinha o tipo de rosto indicador de milhares de socos rebatidos em sua persona, aquela aura celestial de alguém que trabalha duro e cuja inteligência fora expulsa há muito tempo.

Os três últimos assaltos foram contra Roy Williams, apresentado à assistência como o Campeão Peso Pesado da Pennsylvania, um homem do tamanho de Ali, escuro e suave e com ar meio adormecido, que boxeou mostrando tal respeito por seu empregador que sua principal paixão parecia ser o terror de perturbar o carisma de Ali. Williams socava o ar e Ali se agarava a ele. Agora parecia estar trabalhando mais o clinch do que o boxe, como que curioso em testar seus braços contra a força de Williams. Três lentos rounds transcorreram com a cabeça do Campeão Peso Pesado da Pennsylvania enfiada debaixo do bíceps de Ali. Parecia o estágio terminal de uma briga de rua, em que nada mais acontecerá além de resfolegares.

A essa altura Ali boxeara por oito rounds, cinco dos quais fáceis, fáceis demais para produzir tamanha fadiga — o esverdeado de sua pele não indicava um fígado em bom estado. Os turistas, em sua maioria operários brancos em camisas esporte floridas, mesclados aqui e ali por uma barba ou motociclista, pareciam apáticos. Era preciso ter familiaridade com os métodos de Ali para fazer uma ideia remota a respeito do que o treino pudesse significar. Perto da metade do último round Bundini fez-se ouvir de novo. Bem conhecido dos leitores das seções de esportes (fora ele o inventor do “Flutua como borboleta, ferroa como abelha”), em dias normais tinha uma personalidade ainda mais intensa por centímetro cúbico do que a de Ali, e agora gritava com uma voz de que todos no público se lembrariam, pois não era apenas rouca e cheia de imprecações, mas sugeria a capacidade de cortar através de qualquer isola-

mento da atmosfera. Bundini invocava djinns. “Castiga ele! Pega ele! Pega ele de jeito!”, urrava com a cabeça para trás, os olhos nus e flamejantes a disparar ogros ectoplásmicos. Ali não reagiu. Ele e Roy Williams continuaram agarrados em clinch, socando-se ocasionalmente. Arte, nenhuma. Apenas os esforços arrastados de lutadores esgotados, parecidos com o arfar de carregadores numa mudança. “*Solta dele*”, gritava Bundini, “*Solta dele*.” Os segundos iam se acabando. Bundini queria uma centelha, queria pelo moral, para o bem do espírito de Ali naquela noite, para confirmar um bom hábito, quanto mais não fosse para acabar com aquele clima ruim. “*Solta dele! Bate nele! Vamos lá. Fecha o dia com ele, fecha o dia!* *Sai dele. Acaba com ele! Acaba com ele! Acaba com ele!*”, insistiu Bundini até os gritados segundos finais do oitavo e último assalto, e Ali e Williams chegaram devagar ao fim de seu dia de trabalho. Nenhum dervixe. Nenhuma centelha. O gongo. Não havia sido um treino feliz. Ali parecia amargo e inchado.

Não parecia muito mais feliz uma hora depois, ao receber a imprensa. Esparramado num sofá em seu vestiário, ainda coberto pelo esforço do treino, parecia incaracteristicamente pesado e não inteligente; nem mesmo bonito. Seu rosto estava ligeiramente inchado. Sugeria a ideia de que sua cabeça engrossaria, tornando-o com o passar dos anos cada vez mais parecido com um cachorro pug. O que mais chamava a atenção era sua falta de energia. Normalmente, Ali gostava de falar depois dos treinos, como se o esforço físico servisse para estimular suas energias o suficiente para confirmar sua paixão, isto é, falar. Hoje, porém, permaneceu recostado no sofá, deixando que outros falassem por ele. Havia diversos negros na sala e eles se aproximavam como cortesãos, cada qual esperando a vez para cochichar no ouvido de Muhammad e depois sentar-se em meio à audiência. O entrevistador de uma rede de TV especializada no público negro mantinha o microfone em prontidão, para o caso de Ali querer responder, mas aquela era uma das vezes em que ele não queria.